

|   |    |
|---|----|
| Grana: Movimento sindical está em transformação             | 01 |
| Condição econômica deve melhorar, avalia IPEA               | 03 |
| Nobre: ...mercado voltou a crescer...                       | 04 |
| UAW alcança acordo preliminar com GM, Chrysler e Ford       | 05 |
| Opel e Vauxhall podem falir                                 | 06 |
| Gigantes da informática são acusadas de exploração na China | 07 |

## INTERNACIONAL

### Grana: Movimento sindical está em transformação

O presidente da CNM/CUT (Confederação Nacional dos Metalúrgicos), Carlos Alberto Grana, fez um panorama do atual momento vivido pela categoria e lembrou a importância do papel do sindicato nesse período



Talvez agora, mais do que nunca, Grana acredita que o movimento sindical mudou. "Os instrumentos que foram usados em determinadas situações não são mais eficazes".

O dirigente também afirmou em entrevista ao **Diário do Grande ABC** que a entidade luta por resultados e todos precisam atuar neste momento. Para ele, faz falta "uma participação mais efetiva dos governos estaduais" e é preciso que a sociedade pressione de forma organizada.

#### Qual a situação do setor neste momento?

**Carlos Alberto Grana** - Nos últimos cinco anos, o setor metalúrgico no Brasil só cresceu. Em 1989, nós éramos 2,7 milhões de metalúrgicos com carteira assinada no Brasil. Três anos depois, final do governo do Fernando Henrique, nós caímos para 1,4 milhão. De 2003 até setembro de 2008, crescemos permanentemente. Conseguimos recuperar cerca de 800 mil empregos no setor, algo que nem se esperava. Os especialistas diziam que a categoria iria diminuir porque a máquina substituiria o homem. Mas o que tivemos foi investimento. Apesar disso, sabíamos que dezembro é um mês de quedas de produção e muitas empresas tinham contrato apenas por um período determinado. Muitas não renovaram os contratos, então houve demissões. Todas as empresas que exportavam tiveram quedas. Ainda não temos os números de janeiro, mas, com certeza, devem ter acontecido menos contratações do que demissões. Então ainda devemos ter um saldo negativo.

**No setor automotivo, quem ganha mais são as montadoras. Nesta crise, vimos que as autopeças fazem parte do elo mais fraco. Como lidar com isso?**

**Grana** - As montadoras lideram todas as cadeias. Se nas montadoras temos cerca de 110 mil trabalhadores, em toda a cadeia produtiva estimamos cerca 5 milhões de pessoas ligadas ao segmento. O setor é complexo e o problema está na ponta da cadeia onde estão as micro e pequenas empresas. São cerca de 2.000 a 3.000 empresas que contam de 10 a 50 funcionários. Elas fornecem o parafuso, por exemplo, o primeiro componente para estas sistemistas que copatrocina os projetos de empresas como a Dana, Magneti Marelli, gigantes do setor. O problema está nestas pequenas que precisam fundamentalmente de crédito. Elas não têm financiamento, o que é ruim neste momento onde a diminuição de crédito e as taxas de juros são cruéis.

Alguns sindicatos ligados à CUT fecharam acordos de redução de jornada de trabalho e de salário, desde que a empresa mostre suas contas. As empresas não merecem confiança?

**Grana** - Temos algumas empresas, principalmente aqui na região, com um grau de confiança e credibilidade adquiridos ao longo dos anos. E sua situação é acompanhada mensalmente pela PLR (Participação nos Lucros e Resultados). Mas se olharmos para o Brasil isso é uma exceção. De qualquer forma, em um momento de crise, não podemos generalizar. A solução não é reduzir salário. Reduzir direitos. Nós temos convicção de que quanto menos renda, maior a crise. Somos contra os acordos propostos pela Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo). Mas isso não significa que, dada uma situação específica, uma empresa possa comprovar a sua situação e os trabalhadores aceitem um acordo. Não há nenhum problema. O que não pode é, no primeiro sintoma de queda do mercado, a saída seja a busca de redução de salário. Isso é inaceitável.

Qual a sua opinião sobre a quarteirização?

**Grana** - É um desastre para os trabalhadores porque isso significa apostar na precarização. Se os terceiros quarteirizam, a tendência é diminuir qualidade, salário, condições de trabalho e direitos. E a nossa luta é justamente para não terceirizar.

O senhor tem ideia de quantas empresas existem nesta situação?

**Grana** - A terceirização foi uma febre nos anos 1990. Mas muitas empresas voltaram atrás porque estavam perdendo. Tinha redução de custo, mas perda de qualidade, controle e prazo de entrega. E para não perder clientes, voltaram atrás.

Qual deve ser a atuação do poder público e da sociedade civil?

**Grana** - Todos estão sendo prejudicados por causa do desemprego, por causa da diminuição do consumo. Por isso, a gente tem que buscar mecanismos para diminuir os impactos gerados com a crise. O governo federal tem tomado algumas medidas, mas os estaduais têm que ser mais ativos. No quadro nacional, nós temos um esforço muito significativo no estado do Amazonas que deu isenção de ICMS em alguns setores e de IPVA para motos, em dezembro. O (governador) José Serra divulgou medidas na última quinta-feira, o que é um absurdo. E olha que São Paulo concentra maior renda e o maior PIB - representa 45% nacional. Se São Paulo se posicionar, e se encarrega de puxar este movimento de retomada, haverá outras medidas semelhantes. Enquanto isso, a sociedade tem que pressionar de forma organizada.

Mesmo com a crise o movimento sindical mudou?

**Grana** - A mudança é permanente. Os instrumentos que foram usados em determinadas situações no passado não são mais eficazes nos dias de hoje. Atualmente há diálogo. As empresas viram que é mais lucrativo negociar. Elas viram que tinham que conversar, porque, com a paralisação, havia prejuízo maior. Há mais negociação, mas isso não quer dizer que há mais acordo. Por isso, ainda há greve.

Toda categoria tem sindicato, mas nem todos são representativos?

**Grana** - Mas isso acontece no mundo todo. A nossa categoria é mais forte por causa do valor agregado do automóvel. Aqui no Grande ABC é histórico por causa das grandes montadoras.

O sindicalismo da CMN/CUT é de resultados?

**Grana** - Sim. Todos os sindicatos trabalham por resultados. Temos que agregar, buscar direitos. Mas há um diferencial, com ética e sempre em prol dos trabalhadores, principalmente quando os direitos estão ameaçados. É preciso se mobilizar, mas com democracia. O nosso sindicato pode ser contra uma medida. Mas se os trabalhadores aprovarem, a gente acata. O nosso papel é orientar, delegar, opinar sempre com democracia.



No Brasil temos cerca de 20 mil sindicatos, mas muitos que não servem para nada. Mas a culpa é do modelo adotado. Agora, com a legalização das centrais sindicais, o trabalhador vai poder recorrer a elas, até para reclamar do sindicato de sua categoria. Acho que as coisas podem melhorar. (*Diário do Grande ABC*, 16.02.2009)

Leia também: **Turbulência global: crise lá e recuperação por aqui**

Montadoras pedem mais dinheiro nos EUA e, no Brasil, registram alta nas vendas. O presidente da Confederação Nacional dos Metalúrgicos (CNM/CUT), Carlos Alberto Grana, aponta recuperação acima do esperado no país.

## Condição econômica deve melhorar, avalia IPEA

O quadro recessivo observado nos países desenvolvidos não está posto para a economia brasileira. Esta é a análise do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) exposta no documento "Crise Internacional: reações na América Latina e canais de transmissão no Brasil", apresentado nesta quarta-feira (18), em Brasília.

"Existem vários elementos que permitem inferir uma possível melhora nas condições econômicas do País nos próximos meses, ou pelo menos, no segundo semestre de 2009", diz o documento.

O texto do Ipea afirma ainda que o governo federal tem tomado uma série de medidas que contribuíram e continuarão contribuindo para reduzir os efeitos da crise. Entre elas estão as ações do Banco Central para reduzir a escassez e o encarecimento do crédito doméstico; a redução do IPI para o setor automotivo e a criação de linhas de crédito para carros usados; a continuidade dos investimentos no PAC e o aprofundamento de políticas sociais, como o aumento do salário mínimo e do Bolsa Família, além da ampliação do seguro desemprego. Todas elas, segundo o Ipea, "tendem a sustentar a demanda e os investimentos domésticos mesmo em face da crise externa."

Quanto ao desempenho da indústria, o texto do Ipea pondera que "nesses primeiros meses do ano, talvez seja possível dizer que o pior do ajuste da indústria já passou."

### Perspectivas

Segundo o Instituto, a estabilidade dos indicadores para a indústria apurados por várias instituições, como a Fundação Getúlio Vargas, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) e a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), e a recuperação do índice de confiança do consumidor "podem não significar uma piora drástica para o primeiro trimestre do ano."

O documento ainda acrescenta que "existem alguns sinais de que janeiro de 2009 não foi um mês tão difícil para a produção industrial como foi o mês de dezembro."

Alguns sinais são o crescimento do volume de vendas e produção de veículos leves e o aumento do consumo de energia elétrica em janeiro.

### Crédito

Nos meses de outubro e novembro ocorreu uma redução nas concessões de crédito na economia, mas os dados do Banco Central mostram que o volume de concessões de crédito já alcançou em dezembro do ano passado níveis similares aos observados antes da crise.

Com base nessa retração do crédito, o Banco Central (BC) instituiu leilões de moeda para aumentar a liquidez, com o compromisso de recompra futura e criou novo mecanismo de oferta de empréstimos em moeda estrangeira garantidos por títulos soberanos ou por cambiais de exportação destinados a financiar exportações. Além disso, o Federal Reserve realizou acordo de swap de US\$ 30 bilhões com o BC, pelo qual a autoridade monetária brasileira tem garantido essa oferta de recursos até abril de 2009.

Para ampliar o funding de recursos internos, o Ipea lembra que o BC alterou as taxas dos depósitos compulsórios dos bancos sobre depósitos à vista e a prazo, a partir de outubro, o que injetou R\$ 93,9 bilhões no sistema financeiro, até dezembro de 2008.

### Demanda mundial

Outro canal de transmissão da crise analisado pelo Ipea é a redução da demanda mundial e seus impactos sobre as exportações. Segundo o documento, a desvalorização cambial pode ter significado um alívio para vários setores da indústria, que antes estavam "pressionados pela apreciação do Real e/ou pela concorrência chinesa, como têxteis, vestuário, calçados entre outros", mas existem possíveis impactos negativos na balança comercial brasileira. Entre eles, a oscilação do preço das commodities e a redução da renda e da demanda mundial. Em janeiro deste ano, o volume de exportações caiu 29% em relação a dezembro e 26% em relação a janeiro de 2008. Mas o texto aponta que a primeira semana de fevereiro já mostrou uma pequena recuperação do volume exportado (17%) em relação a janeiro.

### Expectativas

O Ipea avalia que o impacto da crise sobre as expectativas dos agentes econômicos (empresários e consumidores) parece ter sido muito maior e anterior ao impacto sobre as outras variáveis. Tal deterioração pode ter contribuído, de acordo com o documento, para uma "mudança de postura da indústria brasileira, no sentido de reduzir a produção e cortar custos, o que ajuda a explicar a forte redução observada na produção industrial." (*Em Questão*, 19.02.2009)

**[Leia o documento na íntegra.](#)**

## Nobre: ...mercado voltou a crescer...

### Aumento nas vendas e investimentos apontam retomada da economia

O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, Sérgio Nobre, afirmou na quarta-feira (18), que diversas empresas do setor automotivo tomaram decisões precipitadas ao primeiro sinal da crise econômica mundial e agora estão precisando recuar. "Elas perceberam que, passado o susto inicial, o mercado voltou a crescer", destacou.



Claudionor Vieira, diretor do Sindicato, na assembleia que garantiu emprego e renda aos trabalhadores na Brasmetal (Foto de Raquel Camargo)

A Renault é uma delas. Em janeiro, sua fábrica em São José dos Pinhais, no Paraná, suspendeu por cinco meses o contrato de 850 metalúrgicos e diminuiu a produção para 300 unidades por dia.

Segunda-feira, ela chamou metade desses trabalhadores de volta e anunciou o aumento da produção para 450 veículos diários. Contribuiu bastante para a mudança a decisão do governo federal, anunciada em 12 de dezembro, de reduzir o IPI. Os preços dos carros caíram entre R\$ 1.500,00 e R\$ 3.000,00, provocando a subida das vendas.

### Ação e reação

Como o Sindicato previa, o aumento da comercialização incentivou a produção. Segundo a Anfavea (representante das montadoras), a fabricação de veículos cresceu 92% em janeiro. Foram feitas 186 mil unidades no mês, ante 96 mil em dezembro.

Essa recuperação foi a principal justificativa para o acordo firmado terça-feira entre o Sindicato dos Metalúrgicos de Betim, em Minas Gerais, a Fiat e 14 empresas fornecedoras de autopeças, que garante 40 mil empregos nestas empresas até 10 de março.

### Mobilização e negociação

Tudo indica que essa recuperação vai prosseguir. A Fenabrave (associação das revendedoras) anunciou terça-feira que as vendas em todos os segmentos de veículos aumentaram 15,56% na primeira quinzena de fevereiro em relação com igual período de janeiro, com a comercialização de 182.522 unidades.

Com base nesses dados é que Sérgio Nobre repete que a crise atinge cada empresa ou setor de forma diferente, por isso não existem soluções prontas para todas as situações. "A dobradinha mobilização dos trabalhadores e poder de negociação do Sindicato tem garantido a manutenção de empregos e rendimentos dos metalúrgicos da base, com o uso de banco de horas, compensação e outros mecanismos negociados de acordo com a realidade de cada empresa até que a gente supere o momento", concluiu.

Essa dobradinha funcionou ontem na Brasmetal, laminação de Diadema, em que cerca de 500 trabalhadores aprovaram a proposta de redução de 20% na jornada e a garantia de emprego, ambos por três meses, a partir de 1º de março.

Os salários caem 15%, mas a renda mensal será mantida com vales compra. "Essa é uma das situações em que a gente examina com cautela e dá o tratamento específico", disse Claudionor Vieira, diretor do Sindicato, ao ressaltar o valor da negociação para que o rendimento mensal dos companheiros fosse mantido.

Boas notícias também em outros setores

A Bolsa de Valores de São Paulo subiu 10%, enquanto a de Nova Iorque caiu 14%. Isso aconteceu porque investidores externos estão procurando refúgio da crise no Brasil. Tanto que o saldo da Bolsa em dinheiro estrangeiro é de R\$ 1,5 bilhão.

As exportações brasileiras cresceram 9,5% em fevereiro na comparação com janeiro. A média diária aumentou em R\$ 400 milhões.

O saldo comercial do mês (diferença entre exportações e importações) é de R\$ 2,2 bilhões, 379% maior que o verificado nos 20 dias úteis de janeiro de 2008.

O fluxo cambial, diferença entre a entrada e a saída de dinheiro no País, está positivo em R\$ 3,3 bilhões.

Créditos de R\$ 570 milhões foram usados para financiar cerca de 13 mil imóveis em janeiro no Estado de São Paulo. No mesmo período do ano passado, R\$ 200 milhões financiaram quatro mil unidades. (Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, 19.02.2009)





## Opel e Vauxhall podem falir

Opel e Vauxhall podem falir em dois anos, dizem trabalhadores. Representantes dos empregados pedem desligamento das marcas da General Motors para sobreviver

A Opel e a Vauxhall vão entrar em colapso em dois anos caso permaneçam ligadas a General Motors. A conclusão é dos representantes dos sindicatos dos trabalhadores durante fórum dos empregados da GM na Europa, realizado durante esta semana.



“Não há futuro com a GM. Só conseguimos enxergar um futuro com a separação completa”, disse Klaus Franz, presidente do **Fórum Europeu dos Empregados da GM**. A GM teria um plano de reestruturação das duas marcas, chamado Renaissance, mas no qual os empregados não depositam confiança. “Em qualquer cenário, a implantação desse plano levará ao colapso das duas marcas em até dois anos.”

Para pedir a separação completa da GM americana, o fórum partiu de algumas conclusões caso as marcas permaneçam ligadas:

- As duas marcas serão impedidas de receber empréstimos dos governos europeus;
- A GM vai gastar muito dinheiro com o pagamento de encargos da demissão de trabalhadores;
- Projetos de novos modelos serão adiados;
- As vendas continuarão a cair;
- Empregados especializados começarão a deixar a companhia.

Recentes reportagens da imprensa européia abrem a possibilidade de que o governo federal alemão, em conjunto com os governos estaduais, poderiam assumir o controle acionário da Opel se a GM decretasse falência. Essa seria, no entanto, um último recurso para salvar a marca.

Segundo o jornal Westdeutsche Allgemeine Zeitung, o governo está trabalhando em uma forma legal de dissociar a Opel da GM sem maiores traumas. A primeira ministra alemã, Angela Merkel, afirmou na semana passada que aguardaria a GM submeter seu plano de reestruturação antes de decidir sobre qualquer plano para ajudar a Opel. *(Marcio Ishikawa) (Quatro Rodas, 17.02.2009)*

## Acionistas da Chrysler podem ter participação reduzida

Os atuais acionistas da montadora americana Chrysler podem ver sua participação reduzida a menos de 10% do capital, após a reestruturação financeira do grupo, informa o jornal Financial Times.

A Chrysler pode ser no futuro propriedade do governo americano, do sindicato automobilístico (UAW), dos bancos e da italiana Fiat, que espera obter 35% do capital da empresa americana em troca de sua tecnologia.

A empresa é controlada atualmente em 80% pelo fundo de investimentos Cerberus e em 20% pela antiga acionista majoritária, a alemã Daimler.

Segundo o jornal, o UAW deve obter uma participação de capital em troca da redução à metade nos compromissos do grupo em termos de cobertura médica e aposentadorias.

Como a General Motors, a Chrysler deve definir um plano de estabilidade financeira e apresentar ao Congresso. Com isto espera receber três bilhões de dólares do governo americano, além dos US\$ quatro bilhões já recebidos. *(AFP, 13.02.2009)*

## Gigantes da informática são acusadas de exploração na China

IBM, Microsoft, Dell, Lenovo e Hewlett-Packard, cinco gigantes da informática, foram acusados pelo National Labor Committee (NLC), uma ONG americana, de produzir alguns componentes em uma fábrica no sul da China que submete seus funcionários a condições subumanas.

Segundo matéria publicada hoje pelo jornal "Shanghai Daily", as cinco multinacionais se mostraram dispostas a colaborar com uma investigação sobre o tratamento recebido por funcionários da Meitai Plastics & Electronics, empresa que se dedica à produção de teclados e impressoras na província de Cantão.

Após a publicação do relatório da NLC, que se define como defensora dos direitos humanos e dos trabalhadores, as companhias afirmaram que nenhuma delas tem contato direto com a Meitai Plastics & Electronics, e que a fábrica pertence a alguns empresários taiwaneses terceirizados por um intermediário.



Clique na figura para acessar o relatório [\(pdf\)](#) [\(inglês\)](#)

O relatório, que o NLC publica em seu site ([www.nlcnet.org](http://www.nlcnet.org)) sob o título de "Miséria de Alta Tecnologia na China", afirma que na fábrica trabalham 2 mil pessoas em turnos de 12 horas por dia durante sete dias por semana. Estes indivíduos recebem um salário de 4 iuanes (0,51 euro, US\$ 0,64) por hora.

Os funcionários, na maior parte mulheres de 18 a 24 anos, não podem conversar, escutar música, levantar suas cabeças nem colocar as mãos nos bolsos durante seu horário de trabalho, e podem sair da fábrica, com permissão, apenas dois dias por mês.

Os 2 mil funcionários são incentivados com slogans como "se esforcem continuamente para conseguir a perfeição", "deseje a empresa tanto como a sua casa" e "vigie ativamente os outros", informa a investigação da NLC.

A fábrica, localizada em Dongguan (Cantão), atenta contra direitos humanos e dos trabalhadores, afirma a NLC, e também contra a legislação trabalhista chinesa, pois seus funcionários trabalham 80,5 horas por semana, incluídas 40,5 horas de trabalho forçado, 388% a mais que o permitido pela lei chinesa.

Sentados em bancos de madeira, pelas mãos dos funcionários da Meitai Plastics & Electronics passam 500 teclados a cada hora, nos quais têm que colocar uma peça a cada 1,1 segundo, uma operação que repetem 3.250 vezes por hora, diz o relatório.

Também afirma que além de sofrer um excesso de horas de trabalho, os funcionários carecem de plano de saúde e não têm direito a folga por doença ou por maternidade.

A coalizão reguladora americana Electric Industry Citizenship, composta por 30 companhias, entre as quais estão as acusadas, afirmou que iniciará uma auditoria para conhecer em primeira mão as condições reais nas quais se trabalha na Meitai Plastics & Electronics.

As cinco gigantes da informática não são as únicas que foram denunciadas pela NLC, que em seu site afirma ter "pressionado dezenas de companhias, como Gap, Wal-Mart e Walt Disney, a melhorarem as condições em suas linhas de produção e respeitarem os direitos humanos e dos trabalhadores". (EFE, 19.02.2009)